

JOSÉ FERNANDES SOBRINHO:  
GÊNERO DE VIDA, AGRICULTURA E  
LATIFÚNDIO EM GOIÁS – UM DEPOIMENTO\*

Edgard Carone\*\*

▫ José, o senhor me disse que nasceu no campo e que durante os primeiros anos de sua vida trabalhou como fazia o caipira, isto é, o antigo trabalhador rural do meu estado, São Paulo. Onde que o senhor nasceu? Em que ano?

Nasci em 1927, no povoado de Traíras, município de Niquelândia, estado de Goiás.

▫ Quantos irmãos o senhor tinha?

Doze. Como todo camponês, a família é grande. Meu pai foi um homem participante das lutas sociais daquele tempo. Ele, que nasceu em 1870, também em Niquelândia, primeiramente, quanto jovem, foi abolicionista. Trabalhava com um abolicionista tradicional de Goiás (Félix Bulhões), irmão de um dos oligarcas de Goiás, que foi José Leopoldo de Bulhões Jardim, que foi um parlamentar. O irmão de José Leopoldo era

\* O depoimento de José Fernandes Sobrinho foi feito em duas etapas, durante a minha estadia em Goiânia, respectivamente nos dias 26 e 29 de novembro de 1970.

Um puro acaso me fez conhecê-lo: levado por Roberto Pimentel, entrei em contato com ele, Talwer de Carvalho Mendes, Carmo Bernardes, Bernardo Elis e outros. Em pouco tempo mantivemos uma relação rica e agradável, que frutificou, em parte, no depoimento que transcrevemos.

O que nos chamou a atenção na pessoa de José Fernandes Sobrinho foi a acuidade e a capacidade de analisar a sua vivência, que consegue retratar com fidelidade e senso crítico. Ainda mais, ele reconstrói, na sua essência, todo um modo de vida, um comportamento familiar e de relações de trabalho dominantes em Goiás até o fim da década de 1950, momento em que se deu o avanço de novas formas capitalistas no campo.

\*\* Transcrito da Revista Ciência e Cultura, da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência 34(8): agosto/1982, p.983-994. Nesta transcrição mantivemos as oralidades, as formas ortográficas e as estruturas narrativas da edição original.

o avesso. Meu pai pertenceu a um tipo de clube abolicionista que existia em Goiás, chamado Clube Félix de Bulhões. E como co-participante ele lutou pela liberdade dos escravos.

▫ Seu pai era proprietário?

Ele foi filho de um grande proprietário. Mas ele não ficou com as terras que ele herdara do meu avô. Naquele tempo, por suas idéias libertárias, ele preferiu ficar com os escravos e meus tios com as terras. E libertou os escravos no batizado de meu irmão mais velho, o Rodolfo, que nasceu no ano da Abolição.

Meu pai chamava-se Olívio Francisco de Oliveira, nasceu em São José de Tocantins, hoje Niquelândia, no ano de 1870, casou-se com minha mãe, Sebastiana Fernandes de Carvalho, também natural de Niquelândia. Meu pai era filho de um coronel da Guarda nacional, Gaspar Fernandes de Carvalho.

Minha mãe, não recorro o ano de seu nascimento, vagamente me lembro da data do mês, 26 de setembro. O casamento realizou-se no ano de 1896. No dia 17 de abril, lembro desta data porque minha mãe fazia um bolo e melhorava a bóia para festejar; o fato importante que quero contar, que foi o dia do batizado do meu irmão Rodolfo, que veio ao mundo em 1897, no dia 6 de fevereiro, e, neste mesmo mês e ano, o meu pai rasgou e perdoou as dívidas dos contratos de ajuste que tinha com os ex-escravos que ele herdara por testamento da fazenda do meu avô.

Em Goiás, depois do dia 13 de maio de 1888, os raros fazendeiros que possuíam escravos convidaram os negros para irem com os senhores às delegacias de cada município e depois de confessarem uma dívida assinavam um Contrato de Ajuste com direitos de transferência, doação ou venda do mesmo contrato. Os senhores de escravos deram um nome ao contrato de Lei do Ajuste.

No testamento de doação de meu avô, segundo meu irmão Rodolfo, meu pai recebeu, como dote de casamento, 300 alqueires de terra, 200 reses e cavalos para custeio e um contrato de ajuste de 10 negros. Esta doação testamentária era da Fazenda Vão do Caetano, de propriedade de meu avô paterno, cuja fazenda ele vendeu de porteira fechada para meu tio Francisco e mudou-se para o município de São José do Tocantins, hoje Niquelândia. Do inventário da Fazenda Santana do Machambombo, meu pai não recebeu nenhuma herança, isso aconteceu porque minha

mãe havia tomado do meu avô, por diversas vezes, dinheiro emprestado e assinado documentos que naquele tempo denominavam clareza. Estes documentos entraram no inventário como pagamento das dívidas de minha mãe.

O meu pai era um espírito liberal. Inimigo do meu avô, que o chamava de pródigo e maluco. Em compensação, adorava minha mãe pelo espírito de tolerância e não comentar e nem criticar o sistema de meu pai. A fim de registrar um fato para a história, a Lei do Ajuste só caiu em Goiás depois da Revolução de 1930. O fato nasceu do seguinte modo: com a queda dos Caiado, os homens da Revolução de 30 foram ao poder e Pedro Ludovico foi nomeado presidente do estado. Convidou Domingos Velasco, que tinha idéias socialistas, para seu chefe de polícia e baixou uma portaria proibindo os delegados de fazer este odioso instrumento de opressão que é o contrato de ajuste.

▫ Depois, o que seu pai fez?

Meu pai mudou-se para um lugar denominado Santana do Machambombo, que hoje é a cidade de Uruaçu. Veio residir numa fazenda. O meu avô era um líder dos Bulhões no norte de Goiás, e perdeu a política. Era líder junto com o coronel Wolney. Quando os Bulhões caíram em Goiás, ele se mudou e comprou oito mil alqueires de terra na Fazenda Santana do Machambombo. E aí ele fundou (era um patriarca por nome Gaspar Fernandes de Carvalho) uma cidade para ele mandar. E se retirou com a família toda de Niquelândia e veio para o sertão. E meu pai acompanhou.

▫ Em que ano fez isso?

Em 1910, mais ou menos.

▫ Os Bulhões perderam para os Caiado?

Sim. Então meu pai veio e minha mãe era uma professora primária. Meu avô fez com que ela abrisse uma escola em Santana de Machambombo. Ela foi a primeira professora de nossa cidade. Ela abriu a escola e meu pai foi trabalhar num sítio da fazenda, que era muito grande. Meu avô tirou um pedaço para cada filho. Ele tinha seis filhos. Ele tirou para meu tio Chico um sítio de mil alqueires goianos<sup>1</sup> e meu pai foi ser sitiante de meu tio, que era irmão dele. Eu fui criado nesse sítio.

Meu pai narrava que aqui em Goiás – e o padre Palacin<sup>2</sup> está aí para ser consultado – a Proclamação da República foi em 1889, e até 1895 nós vivíamos aqui sob Império, ainda era a oligarquia dos Fleury. Porque aqui governaram três oligarquias. A primeira, os Fleury-Curado, depois, a dos Bulhões Jardim e depois os Caiado. Essas eram as oligarquias regionais. E a minha família era oligarca regional. No norte tinham os Aires; no Sul, os Borges; no Sudoeste, os Carvalhos, em Jataí; aqui, os Saturninos. Meu pai fazia parte de uma oligarquia. Mas ele não se afinava com isso. Porque ele lia muito. Ele aprendeu a ler, lia e pensava. A educação de meu pai foi um pouco diferente. Meu avô achava meu pai muito inteligente. Então mandou ele para São João del Rey para formar para padre. E quando meu avô ficou doente, ele veio visitar meu avô e não voltou mais. Mas no seminário recebeu uma instrução de ler muito.

▫ Então seu pai era uma pessoa que destoava de seus irmãos?

É. Meu pai voltou e foi trabalhar para o irmão Francisco Fernandes de Carvalho, num sítio. Meu tio tirou umas vacas e deu para meu pai tomar conta, fazer roça e poder criar os filhos. Meu pai ficava durante a semana toda trabalhando na roça. Durante os domingos ia para o pequeno povoado onde meu avô era o patriarca. A minha mãe era professora ali. Durante a semana meu pai trabalhava de vaqueiro e lavrador sem terra no sítio de meu tio. Meu tio pagava meu pai assim: de quatro bezerros nascidos, um era de meu pai. Como agricultor ele pagava a meu tio 20%. Meu tio cobrava 30% de todo mundo, mas de meu pai era 20%. Para vender os produtos a gente usava o carro de bois. O meu avô tinha muitos carros de bois, muito burro. Tinha uns oitenta a cem burros e dez carros de bois. Cada carro de bois tinha 10 bois (cinco juntas). Cada carro de bois de uma cor. Carros de bois pintados, baio, azulege, malhado. Ele tinha dez carros, cada carro e a sua boiada, cada boiada a cor dos bois. E cada boi tinha nome. Era Rochedo, Alvorada, Catete, Brioso.

▫ Dava para seu pai viver bem?

Não. Meu pai não viveu uma vida muito boa, não. Ele também tinha o seu temperamento irrequieto. Logo ele brigou com o pai dele. Porque meu avô considerava os netos como filhos. E ele batia nos netos. E meu pai era homem avesso à violência. Não gostava que batia nos filhos dele. O meu irmão Rodolfo era um menino irrequieto. E em Goiás

tem muito débil mental bobo, no interior. E meu avô tinha uma porção de bobo que trabalhava para ele. E tinha um bobo por nome Quincas, que tinha um papo enorme. E meu irmão gostava de bater no papo dele. E quando o Quincas recebia uma pancadinha no papo, ele ficava com uma raiva danada. O Rodolfo e eu estávamos descascando milho para dar aos porcos e aí o Rodolfo jogou um bago de milho no papo do Quincas. E o Quincas saiu correndo atrás do Rodolfo. E meu avô viu isso e deu umas palmadas no Rodolfo. E quando meu pai chegou da roça, o Rodolfo contou que o avô tinha batido. E aí meu pai ficou com uma raiva enorme e disse ao pai dele que ia embora de lá. Meu avô disse: "Você não pode ir embora daqui. A sua mulher, Astênia, é a única professora daqui". Meu pai disse que não ficava mais porque não permitia que meu avô se metesse na educação dos filhos, conforme compromisso firmado antes. E retirou-se de lá, voltando, novamente, para Niquelândia, onde foi trabalhar numa fazenda chamada Criminoso. O nome do proprietário não me lembro. Depois, em 1933, meu avô já havia falecido. E então, meu tio Chico, que era muito amigo de meu pai, visitou o meu pai. Meu pai vivia mal. Trabalhador de arrendatário, morando em rancho de capim. A minha mãe tinha escrito uma carta para meu tio, sem meu pai saber, contando para o meu tio a situação em que a gente vivia, de fome e de miséria. Meu tio, que era um homem muito bom, apareceu um dia lá com uma tropa enorme e disse: "Ô Olívio, eu vim buscar você. Mas desta vez eu quero te dar umas terras para você morar, suas. Meu pai morreu, recebi a minha parte, não teve herança nenhuma, porque você opinou por ter os escravos. E você ficou no mundo da lua". E meu pai voltou para o mesmo sítio, onde papai morou de 1910 a 1914. Falou: "Isso aqui, você fica morando aí". Mas não deu escritura do sítio. Daí a um ano, ele falou: "Olívio, você vai bem aí?" E papai: "Ótimo, eu estou trabalhando na roça, comigo." – "Então, vamos fazer um contrato de arrendamento." Meu pai aceitou, e minha mãe havia sido nomeada professora pública, porque Uruaçu já tinha virado povoado, já era uma vila que obedecia à cidade de Pilar de Goiás. Minha mãe tinha sido nomeada professora, que meus tios mandavam no lugar. Isto foi lá pro ano de 1933, eu era garoto. Meu pai estava contente, assinou novo contrato de arrendamento com meu tio, e recebeu umas vacas para ele olhar e nós tomar leite. Uruaçu é a antiga Santana de Machambombo. Nesta cidade eu cresci, minha

mãe ali me ensinou a ler. Eu trabalhava na enxada, no cabo do pereira. Eu sei fazer cerca, eu sei plantar arroz, eu sei plantar feijão, eu sei plantar milho, eu sei fazer cangalha, eu sei fazer buraca, lidar com gado. A buraca é uma mala de couro de boi; a gente chama buraca aqui, mas o nome certo é bruaca. Eu acredito que o lugar tem este nome de Machambombo porque Goiás foi descoberto, oficialmente, pelo Anhangüera: mas antes entrou diversas pessoas do norte, vindos de Belém e de São Paulo e da Bahia; então teve um sertanista, por nome Antônio Francisco Machambombo, talvez seja espanhol, e ele veio ter num córrego, e registrou em nome de um filho dele este feudo que meu avô comprou. E na escritura já vem este nome.

▫ Como era a jornada de trabalho?

A gente tinha uma mania em Goiás: a gente chegava antes do sol nascer, e meu pai dizia: “Meu filho, você tem obrigação de trabalhar e olhar pra mão. Quando não enxergar mais o risco da mão, aí então vocês podem ir embora.” Trabalhava de sol a sol. Pra ir pra roça, a minha mãe geralmente fazia farinha fresca, uma comida feita de farinha. A gente molha a farinha, e depois mistura ela, um pouco molhada, fresca, e corta um pouco de cebola; depois estala dois ovos e mete aquela farinha na gordura, no meio dos dois ovos estalados: machuca bem os ovos, depois mexe a farinha. A gente tirava o jejum com farinha fresca. Ou então, na época, de manhã, a gente comia essa farinha fresca com abóbora cozida ou mandioca, ou jerimum. O jerimum é mais gostoso do que a abóbora e a mandioca. Quando era tempo de leite, no mês de novembro, que as vacas começavam a parir, então a gente comia coalhada escorrida que minha mãe fazia. Botava um pote grande pra coalhar, depois escorria a coalhada toda tirando o soro, ela ficava enxutinha. Aí a gente punha num prato com açúcar e comia. E ia pra roça. Pra beber, não se bebia nada. Só tomava café e não se bebia, só café na hora de sair. Quando chegava ali pelas onze horas, mais ou menos, as minhas irmãs traziam as gamelas cheias de comida que minha mãe fazia. A gente ia no rancho, punha as gamelas no jirau, levava os pratos e comia; descansava um pouco até a comida assentar no estômago, voltava ao trabalho e ia jantar em casa. A gente almoçava dez, dez e meia, a gente não tem muita noção do tempo na roça. O almoço era: arroz cozido, feijão cozido, mandioca frita ou cozida, abóbora cozida e quando matava uma matutagem... Goiano não

é criado comendo carne. Foi o nordestino que ensinou nós a comer carne. De vez em quando meu tio falava assim: "Olívio, tira uma vaca velha e mata". Àquilo dá-se o nome de matutagem. Quando se matava uma matutagem, a gente comia a carne fresca e secava o resto, e mamãe fazia junto com fava ou feijão, punha a carne cortada dentro da fava, do feijão ou do arroz, ou então cozinhava com mandioca. Mas isso, uma vez ou outra. Aí só na hora do jantar é que comia. Era um prazo longo. Quando tinha mandioca, quando ela estava enxuta, em estio, a gente fazia uma coivara e punha umas mandiocas pra assar. Mês de novembro, dezembro, ela não estava enxuta, estava suada. Mas isto não era comum. Às oito horas a gente jantava.

▫ Qual era a fertilidade do solo? Eram boas as terras, quantos anos plantavam no mesmo terreno?

A gente fazia uma roça, cercava. No outro ano a roça se transformava em capoeira. A gente roçava a capoeira e ciscava, amontoava o cisco e tocava fogo. Ela começava espraguejar. Então era menos praga que no segundo ano. Depois, no segundo ano, já tinha mais praga. No terceiro ano, mais praga. No quarto ano, tinha a tal de bordoeira, que crescia. É um verde terrível. Até seis anos a gente agüentava, depois a gente abandonava a roça. A gente não fazia pasto, porque o gado em Goiás, naquele tempo, era criado solto. Então, a gente fazia a roça cercada contra o boi e o porco, que também era criado solto. Muitas manadas de boi viravam brabezas. Quando a gente sabia do logrador, localizava o logrador, descobria o boi, e quando ele vinha banhar, a gente atirava nele e matava, com espingarda. Era uma verdadeira caça. Quando o gado aumentava muito, como era o caso do sítio do Benfica, que aumentou muito, e meu tio nunca cercou, como até hoje não está cercada... As porcas, também, pariam no mato, então os leitões cresciam e aquilo que aproveitava, bem; o que não aproveitava, o bicho comia, ou virava brabeza também. Então Goiás tem muitos buritizais imensos, então o porco ia pra lá, ele come o buriti e é um grande depredador, o porco come buriti, entra na roça... Então a gente cercava contra o porco também, porque existia brabeza de porco. Quando a gente precisava comer um porco, a gente também ia, matava, criava cachorro e matava o porco, e comia.

Até 1950, Goiás era uma vastidão enorme, então não existia técnica especial para o trabalho no campo. Era ainda um sistema, e é ainda, em

grande parte hoje, um sistema rudimentar, era o machado bem rasado, para derrubar os paus enormes, madeiras seculares, a gente media, por exemplo, seis machadeiros em volta de um pau, e começava a cantar: “É pau, é pau, é queda, é queda”, e o machado comendo, dos seis lados, até o pau cair. Então depois de derrubar, então vinha a picada, a gente desganhava toda aquela mata virgem, para amontoar. A derrubada era feita de abril a junho, a gente fazia as grandes derrubadas. Quando chegava em agosto, justamente no dia 24 de agosto, que é dia de São Bartolomeu, dia de queimar (talvez esta tradição venha da grande queima da Inquisição), de tocar fogo nas derrubadas. Acerava<sup>3</sup> em redor, pra não queimar os pastos, e queimava as derrubadas. Aí tava tudo queimado, e as lavouras com muitos tocos, que a queimada não queimava tudo. Então a gente picava as toras. A minha região é de agricultura, então a gente fazia a cerca, contra porco e boi. A cerca contra porco é uns paus assim deitados no chão, até ficar uma altura que o porco não salta; aí a gente arrumava mais uns paus, fazia maior, punha de um lado e do outro, até a altura que o boi não salta. Depois a gente ciscava toda aquela terra, juntava as folhas, fazia as coivaras, e tocava fogo nas coivaras. Quando chegava novembro, a terra estava pronta para receber o primeiro plantio; a gente planta milho em Goiás entre outubro e novembro; até o dia 4 de novembro ainda se pode plantar o milho, depois se planta o arroz. Deixa uma beira para se plantar arroz, porque todo arroz goiano é sequeiro. Até hoje o arroz goiano é famoso porque é de sequeiro. A gente plantava milho em outubro, o arroz em novembro, e aí vinha o preparo da terra para o feijão. O feijão é uma planta agregada, a gente não faz uma roça pra plantar feijão, é agregada do milho; a gente destocava o chão, deixava em limpinho, e aí plantava o feijão dentro do milho. O feijão enrola no milho. A gente plantava o feijão em fevereiro. Eu fui uma pessoa, por exemplo, que não sei o que é Natal, porque em dezembro é época das limpas da roça, é a época mais difícil do lavrador. O arroz colhido do ano anterior já tinha quase acabado, porque a gente tinha tirado a semente. Tem um ditado na roça em Goiás, hoje ainda, que diz: “Nem que de fome serre os dentes, mas não venda as sementes”. Quando a gente colhia o arroz, que pagava o arrendo, a gente separava tantos sacos pra plantar em novembro. Esse aí não tinha condições da gente vender. Natal é uma festa de cidade. É uma festa de comerciante. Eu pelo menos nunca



conheci o que se chama de Papai Noel. Cresci, com vinte anos quase que eu vim saber que existia este velhinho simpático, bom, por nome Papai Noel, porque justamente em dezembro é a época mais dura, porque acabou o arroz, se plantou a semente; o milho já acabou também no paiol, as galinhas que a gente cria já estão cuidando da vida delas, catando grilo pelos campos, e a gente passa uma vida miserável, e limpando roça, porque nasce todo aquele mato com as chuvas, no milho, no arroz. Então um dia como qualquer outro dia, com muita chuva, com muita fome, era o Natal, triste para o lavrador. A gente vestia a carocha, uma proteção contra a chuva feita com o talo do buriti, um coqueiro. A gente destala e trança uma carocha e veste, e vai para a roça. Aquilo é quente. Quando a gente quer dormir, vai para o rancho, abre a carocha – por dentro ela está sequinha, e a gente deita, e no outro dia volta de novo ao trabalho. Então dezembro é esta época dura. Talvez a Igreja Católica – que padre são gente muito sabida, muito ladina – nunca faz festa aqui em Goiás em dezembro. Aqui em Goiás as festas são realizadas até hoje entre abril e outubro, no tempo da seca, em que o lavrador tem milho, tem arroz, pra dar de presente.

A colheita de roça em Goiás começa em abril. É a grande colheita. A gente começa com o arroz, que dá de quatro a cinco meses. O arroz plantado em novembro dá em abril, em abril começa a amarelar. A gente faz uma espécie de mutirão, porque o arroz amadurece e se não colher logo, ele cai: “tal dia, mutirão na casa do compadre Olívio” (que era meu pai). Juntava vinte, trinta pessoas e iam pra lá, recolham quase tudo num dia, batia. A gente cortava o arroz com facão amolado. Depois fazia-se o jirau. Então a gente trazia aqueles feixes de arroz, um grupo ia cortando, outro grupo ia trazendo e amontoando ali, e três batedores iam batendo no jirau, no malhador. A hora que virava um monte muito grande, então a gente espalhava para secar. O milho tinha mais tempo para colher. Primeiro, a gente secava. Quando ele começava a ficar maduro a gente dobrava o milho (quebrava a espiga de milho no próprio pé); o milho dobrado agüenta. Agora, o duro da agricultura aqui em Goiás é o feijão. O feijão é plantado em dois meses muito ruins, plantado e colhido. É plantado em fevereiro, dentro do milho. É uma época que dá um mosquito aqui em Goiás chamado remela-de-anta, ou mosquito-frecheiro, que ataca nos olhos das pessoas. Em fevereiro, na roça, é uma quantidade enorme

deste mosquito, vem de todo lugar, taca no olho da gente, faz a gente espirrar. E a colheita do feijão é em junho, a época da ranca. A gente arranca o feijão em junho, e embandeira. Depois a gente faz um terreiro, em agosto, e bate com a vara para poder ele sair da fava. Então: na época de plantar é ruim, porque tem mosquito: e para colher é em junho, na época que o frio em Goiás aperta muito; a gente acorda pela madrugada, no meio da noite, no frio, pra ir pra roça arrancar o feijão pra ele não estralar. E na época de bater é em agosto, na época que o sol tá mais quente. Para comercializar também é uma planta mártir: quando dá muito, ninguém quer, porque ele pega o caruncho, e quando dá pouco fica caro, e a gente não tem pra vender.

▫ Era grande o rendimento da lavoura?

O rendimento era pequeno, porque o trabalho era feito através de enxada, um trabalho antigo, através de enxada, machado e foice. Então, quem tinha dois alqueires de roça era considerado grande lavrador. O que é muito pouco. Meu pai, por exemplo, que tinha muitos filhos que trabalhavam, ele fazia sempre um alqueire, às vezes diziam: “O Olívio este ano vai colher muito, porque ele tem alqueire e meio derrubado”. Meu pai era tido como um homem que produzia muito. Era dividida a roça: num alqueire, por exemplo, escolhia uma quarta, plantava arroz; o rendimento do arroz era cinco sacos por medida. Cada medida são dois litros. Cinco, seis sacos por medida. Uma quarta de roça são vinte medidas. Cada medida são dois litros. Uma quarta são vinte litros. Então se plantava, por exemplo, uma quarta, que são vinte litros. Um alqueire são quatro quartas. Cada quarta são vinte litros. Um alqueire<sup>4</sup> tem oitenta litros. Uma medida são dois litros. Então organizava uma gamelinha com uma medida. Punha dois litros dentro de uma gamelinha, enchia, então era uma medida. Para plantar uma quarta, eram vinte litros de arroz. O rendimento era cinco alqueires por litro. Então uma quarta dava cem alqueires. Um saco são cinco quartas de arroz, pesa 62 kg.

Para plantar o arroz, primeiramente se preparava a terra, bem limpinha, que o arroz é uma agricultura de muito cuidado, precisava ser terra de baixio, terra úmida, apesar do arroz goiano toda vida ser arroz de sequeiro, arroz plantado na região mais seca, mas precisava de muita umidade. Depois de preparada a terra, vinha o coveamento, se fazia as covinhas para plantar o arroz; se fazia as covinhas com um toco de

enxada, uma enxada pequena, ou uma foice quebrada na ponta. Vinha o encovador à frente, furando os buraquinhos, de terra: tec, tec, tec. E, atrás, as crianças, mulheres, quem podia, com um embornal de lado com as sementes dentro, e ia botando cinco grãos em cada cova e cobrindo com os pés. Mas tem um passarinho, por nome pássaro-preto, que sabia cavar aquilo; então, depois vinha o espantalho: a gente colocava o espantalho, para assustar o passarinho, botava criança pra ficar vigiando, jogando pedra, até o arroz crescer.

Para a secagem, a gente comprava um algodãozinho, um americano (algodão aqui se chama americano); a gente comprava quatro ou cinco peças do americano infestado, quer dizer, de duas larguras, e fazia uma espécie de tolda, ou então se limpava o terreiro da casa bem límpido, aí abanava o arroz com quibano. "Quibano", em Minas, chama "pá", é uma peneira tampadinha, a gente põe o arroz e abanava ele, soprava e o vento ia levando as palhas. O Nordeste ensinou o goiano a trabalhar de maneira mais racional: fazia um terreiro enorme, e a gente ficava em cima de uma cadeira alta, de um jirau, ia jogando, e o vento ia soprando, o arroz pesado caía embaixo e a palha voava. Num dia secava tudo.

Depois era o armazenamento, que era na tulha. A gente fazia uma tulha, uma tuia, como se falava, enorme. Lá no Benfica, na fazenda de meu pai, tinha duas tuias grandes. O milho, a gente empilhava, uma pilha bem bonita, ficava aquela parede linda. Escolhia as espigas maiores e fazia o atio, que são quatro espigas, e pendurava na fumaça,<sup>5</sup> para poder plantar. A gente emendava uma espiga na outra, pra plantar essas sementes. Não se pode comer essas, é semente. O restante, a gente fazia as pilhas no paiol. O paiol era alto, forrado com pau, e embaixo fazia o chiqueiro, porque a gente atirava o milho de lá e jogava pros porcos. Debulhava com a mão ou com uma maquinazinha de debulhar, que depois veio, como depois veio o moinho de moer café, veio a máquina de debulhar milho. Mas antigamente era tudo no pilão.

▫ Não havia sobra de produção? E, nesse caso, como era feita a sua comercialização?

A gente comia e vendia tudo isso. Aí vinha a época do meu avô, depois meu tio, vir a Anápolis. Primeiro era Corumbá, depois chegou a estrada de ferro em Anápolis, então ficou mais fácil. Em 1913 a estrada

de ferro estava em Anápolis, estava chegando aí. Punha o arroz dentro do carro de boi, e mais as tropas de burro (aliás, o Carvalho Ramos descreve isto magistralmente em Tropas e boiadas); chegava em Anápolis, chegava em casa do coronel, que era o coronel Antônio de Pina, depois foi o coronel Aquiles, filho dele. A gente arranchava lá, tinha um rancho, não tinha pensão. Para o comerciante, tinha uma casa, por nome “rancharia”, a gente arranchava ali naquela casa, do coronel Aquiles. Ali vendia o produto pra ele, e comprava pano, machado, enxada, sal, café, querosene, enchia outra vez o carro e voltava. Era um mês, dois meses de viagem de carro de boi. As tropas chegavam primeiro, com as fazendas. As tropas traziam sempre fazenda e sal. Para a compra do gado, ia um boiadeiro lá. Era o pai de Salviano Monteiro que comprava gado na nossa região. Salviano Monteiro foi governador. Ele é que ia buscar. Ia o boiadeiro com muitos peões. E os peões eram estimados: chegavam numa fazenda, todas as moças ficavam impressionadas, por causa daqueles burros enormes, todo enfeitados, e tinha a burra madrinha, que carregava uns guizos que tocavam cada dia com um som, parecendo uma marimba, tinha guizos pequenos e maior, maior, maior. Os peões eram uma festa quando chegavam. Eu me lembro da fazenda de meu tio Artur, que era uma sede de peonagem, então quando Salviano chega lá com aquele mundo de peão... Tem um peão daquela época, um tal de Josafá, que ainda faz as Cavalhadas de Pirenópolis. Este homem está velho, é ainda forte, monta. Benedito Josafá é ele.

Os comerciantes de Anápolis, como o coronel Aquiles, eram todos grandes fazendeiros também. Fazendeiro e comerciante. O Joaquim Aires de Oliveira, que aparece no livro de Lena Castelo Branco,<sup>6</sup> era de Pilar de Goiás, e era um grande comerciante e um grande fazendeiro. Ele era da Fazenda Babilônia. Meu pai, que vendeu a fazenda, a parte que lhe coube, na Fazenda Vão do Caetano, mudou para São José do Tocantins. Aí ele quebrou, acabou, aí virou camponês sem terra, e nunca mais voltou à mesma situação.

▫ O Sr. ainda não falou do trabalho das mulheres.

As mulheres camponesas sempre foram grandes trabalhadoras. As minhas irmãs não trabalhavam porque conduziam ainda o orgulho da família. Meu pai não incomodava com isso, mas minha mãe, se falasse que a filha dela ia pra roça, ela perdia totalmente a compostura, e dava

uma esculhambada, não aceitava de maneira nenhuma. O que ela fazia concessão era levar só a comida da gente; na hora do almoço, as meninas levavam pra gente a comida na gamela. Assim mesmo, iam passando por um caminho onde não encontravam ninguém. Ela não agüentava levar a comida, e não tinha quem levasse, então o jeito era deixar. “Mas minha filha pegar no rabo do pau-pereira, não pega mesmo”, ela dizia. Em casa, elas fiavam, cada uma tinha uma roda de fiar, minha mãe e minhas irmãs sabiam fiar muito bem, sabiam tecer, sabiam fazer botão muito bem, sabiam colorir o tecido, que é uma forma de... Por exemplo, a gente queria uma roupa azul, verde, então minha mãe sabia fazer as tintas no mato. Tem uma tinta por nome urucum, e fazia uma tonalidade amarela; a tonalidade verde, era de um pau que até hoje tem muito; chama-se assa-peixe; tinha também o anil de quintal, uma planta, que, misturado com o assa-peixe, dava um azul bonito. Pra fazer isto, era da seguinte maneira: um pau, por nome maria-pobre, que dava na beira do mato, a gente cortava e fazia uma coivara; fazia um pespio com a madeira seca, e depois punha a maria-pobre. Fazia aquela coivara enorme, metia fogo. Quando a madeira verde queimava, fazia uma cinza grossa, trazia a cinza numa carga de burro para o quintal, aí punha numa chicaca e socava bem socado. Para fazer a decoada, minha mãe mandava buscar o massapê. Punha o massapê de infusão nos potes com água; aquilo, depois de 24 horas, ficava meio verde, e minha mãe ia despejando a água na decoada, e mexendo com a mão, e formava aquilo que se chama de lixívia. Quando começava a criar os gominhos, tirava os gominhos verdes, os gominhos azuis, dividia os gominhos e fazia a cor. Dos tecidos que minha mãe e minhas irmãs teciam, a gente fazia calça, camisa, só não fazia cueca porque era grosso demais. O algodão era plantado, era aquele algodão alto. Colhe ele muitos anos. Chama-se algodão-quebradinho.

As minhas irmãs casaram com quem quiseram, e muito bem. Casaram com primos, com pessoas que possuíam. As minhas primas não casou com quem queria, casou com quem o pai queria. Fazia a combinação entre os dois pais, e pronto. Nas festas de quermesse – que tinha nove dias de festas, com ladainha, aquela coisa toda – vinha o rapaz, encontrava com a moça na porta da igreja, durante o leilão, batia uma papinho, depois começava a ir na casa, aí vinha o pedido formal, e

casava. Minha mãe tinha uma pressa muito grande que as filhas casassem, e não queria que os filhos casassem. Era a tradição antigamente: as moças, ia logo ajeitando o casamento, pra ficar livre da carga; os rapazes, aí não, aí era pra ficar em casa pra trabalhar, cobrar a paternidade.

Domingo a gente ia fazer uma espécie de trança para chapéu. Outros iam pegar mel no mato, mel silvestre. Outros ficavam fazendo caroça, que é uma espécie de cobertura no inverno.

▫ Mas não havia outras formas de diversão, como a caça e a pesca?

A caça, a gente fazia armadilha na roça, durante a semana. A gente fazia, por exemplo, um mundéu, ou então um fosso, dois tipos de armadilha diferentes. A gente abria um lance de cerca, furava um buraco muito grande, deixava o lance aberto, onde tinha muito caititu, porco-queixada, tatu ou anta, capivara. Então eles ficavam loucos pra comer o milho ou o arroz. Quando entrava, caía; no fosso, a gente punha umas tábuas falsas e um pouco de terra pra disfarçar. Ele entrava ali, e quando caía no buraco, a gente chegava e matava. O mundéu era uma arapuca grande, de pau, que chamavam de pau-nobre. Primeiramente, fazia uma espera, isto é, todo dia botava uma quantidade de alimento ali, até o bicho viciar em comer aquilo lá. Aí, depois a gente fazia uma cerca comprida, e armava uma haste de madeira bastante grossa; quando o bicho chegava ali para comer, quando ele tiscava no alimento, desarmava, e aquilo desabava em cima dele. Quando a gente chegava, ele estava morto.

O Tocantins não era muito rico de pesca. O Araguaia, sim. A gente pescava, mas não era muito. A gente pegava muito bagre nos córregos, bagre, lambari. Mas o forte mesmo era a caça. Mas a gente não caçava muito, o trabalho não dava muito tempo de caçar. Domingo, às vezes, matava um frango. Comia ovos, também. Mas a caça não fazia o forte da minha região.

▫ Como eram as propriedades em Goiás? Explique mais sobre o funcionamento dos latifúndios e como seu pai perdeu o direito sobre as terras.

Meu pai era arrendatário de meu tio. As fazendas em Goiás eram grandes. Meu tio tinha mil alqueires de terra, mil alqueires goianos. Não

é coisa de se desprezar. Na região nossa, que é o centro-oeste de Goiás, as terras não são muitas boas, porque fica no espigão entre o Araguaia e o Tocantins. Os terrenos que margeiam o Tocantins são de boa qualidade; apesar de montanhosos, são de boa qualidade. E os terrenos que margeiam o Araguaia são mais arenosos, não são tão bons. Mas acontece que cada feudo, cada fazenda grande, possuía diversos córregos, então os diversos colonos – vamos falar de colono, voltando quase ao feudalismo – que moravam nas fazendas, moravam às margens dos córregos, porque cada córrego leva uma porção de mata do lado esquerdo e do lado direito, então os moradores de cada beira de córrego chamavam-se sitiante. Meu pai possuía uma quantidade maior, porque ele era irmão de meu tio. Então, além de meu pai ser um sitiante – o sítio chamava-se Benfica –, ele possuía uma área maior, porque abrangia dois córregos grandes: o Córrego do Leite e o Córrego Cinzento, e os dois córregos faziam um pontal do Rio Tocantins, e ali meu pai morava. De forma que ele teve terra pra cultivar bastante tempo. Ele criou 12 filhos lá. Ele morou na fazenda de meu tio desde 1933, quando meu tio voltou a Niquelândia para buscá-lo de volta; porque ele era inimigo do vovô, não gostava do vovô de maneira nenhuma. Quem gostava muito do vovô era minha mãe, e o vovô gostava dela, era um xodó. Mas meu pai nem falava, nem cumprimentava. Depois que vovô morreu – em 1933 – aí ele voltou, a pedido de meu tio. O sonho de meu pai na época era possuir um pedacinho de terra, porque depois que perdeu aquela por um desvario, uma loucura que ele fez, de ter vendido tão barato, ele ficou com vontade de possuir, ele viu que estava dura a vida para ele.

Quando ele veio com a mudança, o meu tio não quis dar. Disse: “Não, você vai morar lá no Benfica, onde você falou que queria, fica lá, pode criar seus filhos tranquilo, que lhe faço um arrendo de 20%, te dou umas vacas pra você ser vaqueiro lá com os menino” – os filhos já estavam grandes, meu irmão Rodolfo já estava homem, minha irmã, e ele criou os filhos tudo ali.

O meu tio já mandava imprimir nas tipografias um contrato por nome de “aforo”. O contrato era assim: “Por esse instrumento de aforamento...”. Ele aforava, a pessoa se fixava, porque se fosse bom trabalhador, ele não mandava nunca sair ali. Então a pessoa construía um rancho, um rancho de capim, é natural. Plantar café também ele não

consentia: era só cultura mesmo que se chamava “cultura branca”, que era arroz, milho, feijão. Alguns plantavam café, mas meu tio não gostava, só alguns que ele tinha muita amizade. Gado, só dele. Ele tinha muito gado, então ele deixava em tal sítio, tantas vacas, em tal sítio, tantas vacas, em tal sítio tantas vacas... E assim, as crias, três era dele e a sorte do vaqueiro, a quarta. Chama contrato de aforamento. Meu pai assinou muitos contratos de aforamento com meu tio. Vencia um, ele assinava outro.

Existia uma grande fazenda; meu tio, por exemplo, tinha o Campo Formoso, que era uma fazenda grande, era dele. Ali ele criava muito gado. À proporção que o gado ia rendendo na fazenda-sede, ele ia criando mais sítios, e criando mais pequenas filiais com o nome de sítios, que entregava às pessoas que ele gostava, para criar mais gado, produzir mais. Agora, o sistema de arrendamento: de meu pai, ele cobrava 20%; dos outros, cobrava 30%. Este era o tipo de exploração no campo na época. Quando era um fazendeiro pequeno, ele mesmo cuidava de toda a produção. Mas na região da fazenda da Machambombo, era dos meus tios: Aristides, Neco, Francisco. Ali o velho Gaspar era um patriarca, ele comprou oito mil alqueires, ele tinha oito filhos. Então, meu pai não herdou nada, porque minha mãe havia assinado um documento por nome clareza, era uma espécie de nota promissória de antigamente: “Por essa clareza fico devendo a Fulano de Tal a importância de tanto... que pagarei através de...”. Era assim. Meu avô, talvez vendo a dificuldade de meu pai, e não tendo nenhuma relação com meu pai, minha mãe é que ia lá, e trazia o dinheiro. De forma que quando meu avô morreu, minha mãe já devia ao espólio uma quantidade muito grande, e os títulos entraram no espólio, e meu pai ficou sempre trabalhando de sitiante.

Na minha terra não tinha pequeno proprietário. Na minha região, sempre foram os grandes proprietários de terra. Aliás, Goiás, de maneira geral, era todo constituído de grandes proprietários. Foi o seguinte: antigamente, tinha o registro paroquial. Goiás era aquele continente vasto, então as paróquias... O terreno quase todo, durante a serra do ouro, pertencia à União, ao Estado. Admitimos que uma pessoa quisesse obter um pedaço de terra. Então ela dirigia à paróquia do município, e aí falava assim: “Eu quero um registro paroquial numa gleba de terra situada entre o córrego tal, que vai até o córrego tal, à serra tal, à estrada tal”, até



fechar um círculo muito grande. Meu tio, por exemplo, possuía uma fazenda, Vão do Caetano, foi porque o Caetano Cardoso de Moraes, que era um português, fez o registro paroquial desse vão, a que deram o nome de Vão de Caetano. Então o registro paroquial foi o princípio do latifúndio em Goiás. O sujeito registrava e a paróquia não exigia nada. Então, ele registrava. Por exemplo: esse Caetano Cardoso de Moraes registrou o Vão do Caetano, e depois registrou, no município de Amaro Leite, outra fazenda que deram o nome de Fazenda Caetano, que foi o mesmo Caetano Cardoso de Moraes que registrou. O ouro desapareceu lá em São José do Tocantins e ele mudou-se para Amaro Leite e registrou aquela área enorme. Ele registrou um outro pedaço de terra que não foi obtido registro, porque ali habitavam os índios Avá-canoeiro.

Os sitiantes moravam em cada córrego, e ali exploravam. Isto predominou em Goiás até o ano mais ou menos de 1964 quase, antes de penetrar o capitalismo no campo, então todo mundo era assim, dessa maneira. O registro paroquial era da Igreja. Todas as fazendas de Goiás foram registradas no registro paroquial, e foi muito antes da queda do Império. Quando se falava assim: "Comprei uma fazenda com registro paroquial", era o documento mais antigo e mais legal que existe, o de origem. Então tudo se baseava no registro paroquial. Talvez meu avô não tenha comprado a fazenda diretamente do Caetano Cardoso de Moraes, porque eu não posso afirmar com certeza, mas talvez tenha comprado de algum sucessor, porque o Caetano depois mudou-se para Amaro Leite, depois da queda do ciclo do ouro. Estes registros paroquiais aconteceram justamente durante o ciclo do ouro, que foi muito curto em Goiás.

O meu avô, Gaspar Fernandes de Carvalho, quando caiu os Bulhões, a política dele caiu em Niquelândia para os Taveira, então ele não quis ficar, porque foi um cara que sempre mandou, teve sempre a vocação de patriarca, de chefe, de mandar. E a família nossa era muito grande, Fernandes de Carvalho é uma família enorme, hoje tem mais de dois mil membros. Ele resolveu mudar de Niquelândia, que antigamente se chamava São José do Tocantins. Aí comprou uma fazenda, por nome Santana do Machambombo, que eu falei que tinha mais de oito mil alqueires de terra. Quando mudaram para ali, não tinha estrada, nem para o sul nem para o norte. Para o norte estava o Descoberto e o Amaro Leite, e para o sul era Pirenópolis e Corumbá.

▫ Já falamos da alimentação vegetal e da caça. Falemos sobre a criação doméstica e de outras fontes para suprir as necessidades alimentícias.

Em Goiás de vez em quando se comia carne, que a gente dava o nome de matutagem. Foi o Nordeste que ensinou o goiano a comer carne, pelo menos na minha região. Chegou em Uruaçu uma família de cearense de nome Antônio Camapum Filho. Antônio Pereira Camapum era o chefe. Ele (o filho) abriu o primeiro açougue. Mas o goiano não comia fígado. A gente comia coração, mas fígado era comida de gato ou cachorro. Lá em casa não se podia comer carne. A gente não tinha dinheiro. Quando eu estava na escola, na cidade, minha mãe dizia: “Meu filho, você vai lá no seu Camapum e diga a ele que me mande um pedaço de fígado para mim dar para o gato”. Ele tirava um pedaço de fígado e dava. E minha mãe fazia aquilo batido, para a gente comer. E a barrigada, o intestino do gado, a gente pegava para fazer sabão. No mato tem uma madeira por nome maria-pobre. A gente cortava essa madeira, amontoava, fazia uma coivara, punha fogo e fazia cinza. A cinza fazia decoada. A gente fazia o chamado barreleiro. Socava a cinza dentro de um jacá, ou dentro de uma chicaca. E punha água. E quando caía, caía decoada. E aí a gente fazia o sabão, chamado sabão-de-cinza.

O seu Camapum também cedia para minha mãe as barrigadas para fazer sabão. Para a gente vender na rua. Naquele tempo não tinha sabão Minerva, sabão Coringa. Naquele tempo era o sabão-de-cinza. Os ricos faziam de soda. Mas a gente, que não era rica, fazia de cinza, da madeira de maria-pobre.

Um dia minha mãe foi levar uma baciada de sabão para vender na venda de seu “Mapum” e o João, meu irmão, disse para o seu Camapum: “O fígado que o senhor mandou na semana passada, para o gato, estava estragado”. Seu Toinho coçou a cabeça e falou: “O gato ficou doente, meu filho?”. Ele falou: “Não, passamos três dias sem ir à aula”. Estou contando isso pela experiência e com a fome que a gente foi criada.

▫ E a galinha?

Galinha se criava. Às vezes, aos domingos – não se comia em Goiás frango que não fosse capão.

▫ Precisava capar?

Precisava capar. A gente cria diversos preconceitos contra a alimentação. Por exemplo: laranja não se chupava à noite. Minha mãe falava assim: “Laranja de manhã é prata, meio-dia é ouro, e à noite mata”. Limão se desperdiçava todo. Ninguém chupava limão, porque o limão, diziam que dava senilidade. O pau descia. Banana dava verminose. Leite mugido ou leite tirado ao pé da vaca dava amarelão. Manga com leite matava... São preconceitos criados contra a alimentação, porque não podiam comprar. A verdura, por exemplo, nós fazíamos horta, mas só com cebola e alho. Plantava um pouquinho de alface mas ninguém gostava. E couve também... comíamos também a taioba.

A alimentação do goiano era pobre em proteínas e rica em carboidratos. Tanto que os barrigudos goianos é fruto da alimentação de carboidrato.

▫ E a paçoca?

A paçoca era feita de carne desidratada, de carne-seca. A gente matava o gado – o sal era difícil na região nossa – e a gente ia para os lajedos e retalhava a carne fininho e punha na pedra. Aí a carne secava – ficava meio ruim e tal, mas secava.

▫ Vocês não penduravam, como no Nordeste?

Não. Depois de tomar quatro ou cinco dias de lajedo, com aquele calor da pedra, então a gente pendurava depois. Mas ela desidratava mesmo era na pedra. Ou então a gente fazia uma fogueira grande no quarto e punha os varais de carne no tempo de chuva. A gente matava gado, por exemplo, em dezembro, quando chovia muito em Goiás. Então a gente punha no quarto um fogo enorme e a carne num varal lá em cima e a carne secava ali, com a fumaça, com aquele calor, com pouco sal porque o sal era muito difícil. O sal se trazia de Roncador, um cidade que fica aqui. Não tinha estrada de ferro. Até Anápolis não tinha estrada de ferro. Quando veio estrada de ferro para Anápolis, então a gente ia buscar com o carro de boi o sal e o café, em Anápolis. Na nossa região não tinha café. O café vinha de Goiabeiras – hoje Inhumas –, ia para Anápolis e depois para lá. O sal também. Um saco de sal de 30 quilos a gente comprava para salgar o gado. O gado a gente não salgava todo o ano. A gente dava um pouco de sal para o gado comer, uma vez por ano. Na época da salga e de pagar a sorte ao vaqueiro. O vaqueiro laçava quatro bezerros. O dono escolhia três para ele e um para o vaqueiro.

▫ O que seu pai fazia com o dele?

Meu pai tinha uma família numerosa e o gado custava pouco. Ele precisava comprar pano para vestir, comprar algum calçado, porque a gente vivia quase descalço, e uma botina para ir à festa, isso aos domingos. Então ele vendia para o meu tio os da sorte dele. E com o dinheiro fazia compras.

▫ Ele plantava milho, arroz. Isso servia para a alimentação. O dinheiro que ele podia dispor era da venda do gado?

É isso. Aí ele comprava roupa pra minha mãe, um pouco vaidosa, filha de fazendeiro. Mas me lembro que meu pai era um cara formidável. Eu tenho uma admiração... e me comovo quando falo nele. Ele não guardava dinheiro no bolso, uma vez sequer. A minha mãe que dirigia o dinheiro. E meu pai não fazia nenhuma restrição a ela. Meu pai não gastava um centavo com ele. Ele dava todo o dinheiro para a minha mãe. E o que servia para a minha mãe, servia para o meu pai. O que servia para o meu pai, servia para a minha mãe. Eles não tinham discussão por dinheiro. Eles podiam ter discussão, assim, num namoro de uma irmã minha com um rapaz que o meu pai não achava bom. Mas com relação a dinheiro, eles não discutiam nada. Porque meu pai não punha a mão no dinheiro. Minha mãe era que aplicava o dinheiro, da maneira que achava conveniente. E não adiantava falar: "Papai, me dá um dinheiro", porque ele nunca tinha no bolso. Ele até gozava, dizendo: "Poxa, você quer receber sua herança antes de eu morrer". Minha mãe comprava o chapéu para ele, calça pra ele, tudo... Se eu pudesse escrever a vida de um homem, eu escreveria a de meu pai.

▫ Você falou que só se comia frango capado. Eu queria saber por quê.

Havia uma tradição na fazenda que as pessoas, principalmente mulher, não pode comer o frango que não esteja capado. Porque dava problemas no parto. Era outro preconceito alimentar. A galinha não se capava.

▫ E o porco? Por que viviam soltos, ficavam selvagens e fedorentos?

Vou explicar como tira o cheiro do sexo do porco. O porco reúne no saco e não no tendão, no membro viril, uma quantidade enorme de

esperma. A gente pegava o porco-do-mato, com uma armadilha. No momento da castração do porco macho, a gente pegava no membro viril dele e dava uma puxada, desde o saco, esfregando até na saída. E saía todo aquele esperma que dá o cheiro característico da carne. E deixava uns dias, até a capadura sarar. E a gente comia a carne dele. O porco manso, a gente castrava o leitão. Pegava o leitão e um remédio por nome solimão (um produto farmacêutico com sal), segundo ditava o livro enorme de Chernoviz. A gente pegava o solimão misturava no sal comum. Cortava o saco do porco em forma de cruz, fazia uma força embaixo e o grão saía. Cortava o grão e punha o solimão com o sal no local. Costurava, cheio daquilo, para não inflamar e fechava o porco no chiqueiro. Assim não pegava bicho.

▫ Cortava-se o saco? E tirava-se o tendão o máximo possível?

É. O resto do esperma que ficava no membro a gente espremia e jogava fora. Aí esperava uns 15 a 20 dias e comia. E a carne ficava sem cheiro. Então tinham os capadores. Cada região tinha o seu capador. Quando a gente queria capar, convidava um capador. Preparava tudo, dava o almoço pra ele. Ele não cobrava nada. Então se castrava os porcos. Os frangos, as mulheres de casa aprendiam a castrar, a localizar o ovo e cortava por cima. Na porca era uma operação. A gente pegava a madre, puxava a madre toda pra fora. Cortava a barriga da porca, em cima, lateralmente. Abria uma incisão e puxava a madre pra fora. Metia o dedo por lá, até acertar com o grelinho, que eram os ovos. Então a gente organizava o "gute" de azeite de mamona. O azeite que se faz na roça. A gente pega a mamona, torra, soca num pilão, mistura ela com um pouco de água. Põe a ferver, aí o azeite solta. Faz a luz para iluminar a casa. E o azeite dá o "gute". A gente atíça bem a candeia de azeite e aí o "gute" que é uma coisa bem quente quando acaba de capar a porca, organiza o "gute" e põe sobre a incisão, pra poder cicatrizar depressa.

Agora, o boi se capa de volta. Pega o boi, peia. O castrador, que é musculoso, pega o saco e vai forçando, forçando até quebrar aquele cordão por onde passa o esperma. Com a força humana. É uma dor terrível. O boi berra.

▫ Na minha zona é com faca.

Não, aqui se capava de volta. O alicate de hoje substitui a força humana.

▫ Ele dobrava o cordão?

Ele ia torcendo, forçando, torcendo até... trá e o boi dava aquele berro enorme. Se capa mal fica o boi rufião, pra excitar a vaca, pra botar o outro boi.

Na minha região havia um capador que era de profissão mesmo. De nome Afonso. Era capador profissional. Esse cobrava. Me lembro que um sitiante de meu tio tinha um burro chamado Pequeno. Esse burro era difícil de capar. Muito arisco. Então ele disse: "É só o Afonso". O sitiante foi chamar o Afonso para capar o burro, que vivia atrás das éguas e não deixava o pastor (o cavalo que toma conta de um mundo de éguas e cobre todas as éguas). E esse burro batia no cavalo, dono daquelas éguas. O Afonso veio, laçou o burro. Meu pai contava e a gente achava muita graça. E ele cobrava. Ele chegou, laçou o burro, amarrou, teve um trabalho enorme, meteu a faca e castrou. E o burro apaixonou. Ficou triste. Tratou... tratou... Terminou morrendo. O sitiante, uma pessoa mesquinha, doída por dinheiro, resolveu denunciar o Afonso na delegacia de minha cidade. O delegado chamou o Afonso junto com o sitiante e perguntou: "Seu Afonso, o senhor castrou o burro de fulano de tal?". Ele respondeu: "Capei". "E por que o senhor capou?" "Porque a minha profissão é capar". "E o senhor capa mesmo, seu Afonso?" "Capo. Eu capo tudo quanto é bicho que o senhor tiver e capo até o delegado se for preciso. Capo a mulher do delegado, capo o delegado, capo o soldado, capo tudo o que for preciso de capar". "Já que o senhor é capador e cobra pra capar, o senhor tem que pagar o burro de fulano." Ele pagou.

▫ Como era resolvido o problema de sexo na comunidade, de modo geral?

Posso dar um exemplo que aconteceu comigo. Quando comecei a ir atrás do rabo-de-saia estava com 14 para 15 anos. Todas as casas dos grandes fazendeiros de Goiás possuíam muita boba, gente besta. Aquelas bobas é que serviam.

▫ Moças?

Geralmente as bobas já tinham sido defloradas por outros. A gente convidava e elas iam com aquela satisfação enorme. Ou a gente pegava bicho também... Cabras.

Na minha cidade ocorreu um fato muito importante. A cidade de Uruaçu foi fundada pelo meu avô Gaspar Fernandes de Carvalho e meus tios. Lá minha mãe deu aula e meu pai voltou, depois daquele espancamento.

▫ Seus tios eram também analfabetos?

Não. Todos sabiam ler. Meu pai voltou para Niquelândia e passou a morar na Fazenda Criminoso. Quando a cidade cresceu e foi aumentando, o meu tio José Fernandes e meu tio Francisco, que eram os líderes da família, resolveram ir a Goiás, a capital, para arranjar uma professora. Tinha um cabo por nome de José Avelino, casado com uma professora chamada Henriqueta Velasques de Azevedo. E meu tio Francisco arrumou esta professora. E meu tio Zeca foi pra Porto Nacional, que por muito anos foi a capital cultural de Goiás. Lá existia o Colégio das Freiras, Colégio dos Padres que davam o curso normal. De lá meu tio trouxe José Monteiro e Dona Luzia para ser professora de Uruaçu. Dona Luzia era uma mulata forte, bonita. Tem até um irmão dela que mora aqui, de nome João Francisco da Conceição, Prof. Joca. E quando ela chegou para dar aula no grupo de Uruaçu, Grupo Escolar Coronel Gaspar, quase não tinha mulher na cidade... nossa família era uma família fechada. Meu avô nos criou com aquela rigidez enorme. E veio com o cabo Avelino um soldado com o nome de Gaspar Pereira. E este Gaspar apaixonou-se pela mulata. Foi uma paixão mórbida, doentia. Ele entrava lá no grupo para conversar com ela. E ela não... dura, casada. O marido dela tinha sido nomeado escrivão de registro lá na cidade. E o soldado Gaspar com aquela vontade enorme, até que o negócio atacou de tal forma que ele, numa noite, atacou o José Monteiro (marido da mulata) e o assassinou. E arrastou a mulata para cadeia. E a mulata – eu me lembro – dava aqueles gritos horríveis. E aquilo abalou a nossa família. A cidade era quase formada pela nossa família. E meus tios resolveram prender o cabo Gaspar. E o povo reuniu carabina, faca, revólver, cercou a cadeia. Tinham mais dois soldados armados, também. E meu tio, muito corajoso, muito reminado, falou: “Eu vou subir para tirar essa mulher de lá.” A cadeia era de dois andares, como as outras cadeias do interior. E meu tio subiu com uma porção de jagunços. Chegou lá, o soldado estava com a mulher, agarrado na mulher, ela com as pernas trancadas. Ele tinha arrancado toda a roupa dela. Aí meu tio meteu a carabina nele e

falou: “Soldado Gaspar, você está preso”. Ele foi e se entregou. E meu tio levou ele para a enxovia. Ele ficou preso lá.

Depois, começou um boato na cidade que ele estava furando um buraco na cadeia, ia sair e ia matar toda a família Fernandes. Aí a família se reuniu toda. O meu tio Zeca era o promotor de Justiça. O meu tio Aristides era o juiz de Direito. O meu tio Joaquim era o delegado de polícia. O tio Zeca fechou o processo. E processou o cabo Gaspar pela morte de José Monteiro e pelo seqüestro de Dona Luzia. E no fim o meu tio deu a sentença. O meu tio Zeca foi quem ditou: considerando que o cabo Gaspar havia violado o lar, considerando isso e mais aquilo... sentenciava à morte o cabo Gaspar. E o meu tio delegado virou-se para o soldado baixo, de nome Ângelo, e disse: “Ângelo, pegue o fuzil e execute o Gaspar”. O Ângelo, o soldado disciplinado e obediente, pegou a mão no fuzil, chegou nas grades e falou: “Gaspar você foi condenado à morte. Você ajoelha, benza-se, que você vai morrer”. O Gaspar ajoelhou-se, benzeu-se e o Ângelo o matou, dentro da cadeia. Isso foi no ano de 1937. Foi antes um pouco do golpe de Estado. Depois de 37, o Getúlio começou a perseguir os coronéis, por isso o Pedro Ludovico tinha um horror de meu tio, por muito tempo. E ele sofreu com o processo em cima. Mas nunca foi preso, porque rico nunca foi preso.

#### Notas

1. O alqueire goiano é o dobro do paulista: mede 48.400m<sup>2</sup>.
2. O padre Luiz Palacin é professor da Universidade Federal de Goiás e autor de Goiás 1722-1822.
3. Acerar significa carpir em torno da roçada, para evitar que o fogo rasteiro se espalhe além da área que vai ser queimada.
4. O alqueire paulista – isto é, a medida de cereais – contém 50 litros.
5. Em cima do fogão de lenha.
6. Lena Castelo Branco é professora de História na Universidade Federal de Goiás.





## Resenhas



||  
—

||  
—

—  
||

—  
||